

# Identidade e internet: (des) construções de comunicação e de gênero nas redes sociais entre os jovens\*

IDENTITY AND INTERNET: (DE)CONSTRUCTION OF COMMUNICATION AND GENDER IN SOCIAL NETWORKS

**L** *Manuela do Corral Vieira*

Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará.

E-mail: manuelacorralv@yahoo.com.br

Recebido em 1º de junho de 2015. Aprovado em 17 de outubro de 2015.

## Resumo

O estudo está pautado nas vivências e trocas comunicacionais realizadas na internet e como essas influenciam na vivência e na construção da identidade dos jovens, sobretudo no que tange às influências do campo social e das relações de gênero operacionalizadas tanto no on-line quanto no off-line das relações estabelecidas na subjetividade dos sujeitos e em suas relações com o Outro.

**Palavras-chave:** Identidade. Internet. Gênero.

## Abstract

This study is based on the experiences and communicational exchanges made on the Internet and how they influence the life and the construction of the identity of young people, especially considering the influences of the social field and the gender relations, both operationalized among the relations established on-line and off-line and involve the subjectivity of the subjects and their relationship with the Other.

**Keywords:** Identity. Internet. Gender.

\* Este trabalho é resultado dos estudos desenvolvidos no projeto de pesquisa “Agências digitais na Amazônia real: a inovação das práticas de comunicação na publicidade paraense”, financiado pelo CNPq, e no grupo de pesquisa “Cibercultura, identidade e consumo”.

## Considerações de pesquisa

O contexto da cibercultura provoca uma série de reflexões e revisitações sobre determinadas categorias, especialmente àquelas ligadas ao tempo e ao espaço. O sujeito que aí se insere não está alheio aos impactos que as tecnologias operam em seu modo de viver e em sua forma de se posicionar e relacionar diante do Outro e diante de si mesmo, uma vez que, a medida em que influencia as tecnologias e seus desenvolvimentos e utilizações, por outro lado recebe ainda a complementação do total desse relacionamento: o poder, a influência e as inquietações que essas tecnologias, de maneira muitas vezes independente à proposta de intenção inicial do indivíduo, trazem ao exercício e à construção de sua identidade e das relações sociais que estabelece.

Aprofundando algumas questões metodológicas, destaca-se que a definição da categoria “jovem”, conforme percebida neste trabalho de pesquisa, aproxima-se daquela proposta pela pesquisadora, historiadora e antropóloga Heilborn (2006), em seu estudo acerca da experiência da sexualidade, da reprodução e das trajetórias juvenis; o conceito de jovem pode ser compreendido a partir de percepções historicamente desenvolvidas e consolidadas, daí porque a metodologia de trabalho aqui proposta coincide com a de Heilborn ao perceber que “as fases do ciclo de vida ou categorias de idade são móveis e variam ao sabor de novas concepções sociais acerca do humano e das relações intergeracionais” (HEILBORN, 2006, p. 39). Utilizando os pressupostos da autora, faz-se a ressalva ainda sobre dois termos comumente utilizados para falar sobre jovens: adolescência e juventude, uma vez que, se a primeira é compreendida enquanto um momento de crise e como uma fase problemática da vida, a segunda melhor aceita o momento de incerteza e de descobrimentos.

Consequentemente, a marcação jovem foi percebida nesta pesquisa de campo a partir das diversas esferas com as quais se envolve, tanto para o sujeito se diferenciar dos demais, neste caso os “não jovens”, quanto para se diferenciar de outros jovens, em subdivisões dentro da própria categoria, operacionalizadas mediante distintas formas de expressarem suas identidades, envolvendo práticas sociais que englobam aspectos diversos, tanto econômicos como sociais e culturais. Estabelece-se a concepção de jovem, conforme também proposto por Heilborn em sua pesquisa, a partir do conceito de trajetória biográfica, especialmente centrada em alguns marcos: “o término dos estudos, o início da vida profissional, a saída da casa dos pais e o início da vida conjugal” (HEILBORN, 2006, p. 40).

O presente estudo se concentrou em pesquisa realizada sobre as vivências e as construções identitárias entre jovens que possuíam redes sociais de internet, dentro do

recorte metodológico de que esses sujeitos se auto reconhecessem na categoria “jovens”, o que acabou por originar em um público de entrevistas variável dos 16 aos 31 anos. O trabalho de campo realizado se consistiu em onze entrevistas em profundidade, com roteiro semiestruturado. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente na cidade de Belém e área metropolitana, em caráter off-line e em dias diferentes, totalizando aproximadamente oito meses para a realização do campo. Foram assim utilizados dois filtros de pesquisa: ser usuário de redes da internet, não importando a frequência e a de se autorreconhecer como “jovem”, conforme opção metodológica descrita anteriormente.

## Sujeitos e identidade

Importante aspecto de contribuição ao estudo da (re)interpretação do sujeito e sua individualidade consiste no fenômeno da globalização pós-moderna, na qual temáticas e territórios conectam-se a partir de recursos como a internet, na qual distâncias e fronteiras são relativizadas. Ultrapassando fronteiras geográficas, uma vez que as noções de território, conforme vistas no capítulo primeiro, são redimensionadas e reconceituadas – sobretudo com o advento das tecnologias –, pode-se integrar e conectar as mais diversas comunidades. Destarte, Landowski salienta, acerca das representações sociais e das construções identitárias que realiza cada sujeito, que

ao se deixar levar no dia-a-dia pelas senhas intelectuais, linguísticas, vestimentares e outras, do lugar e do momento, ao seguir o movimento ambiente, ao louvar todos em coro os mesmos ídolos da estação ou ao cantar os mesmos *slogans*<sup>1</sup>, cada um se reconhece a cada instante a si mesmo, em uníssono com o outro, seu vizinho, seu semelhante: como se, num mundo onde nada que vale em matéria de gosto ou de opinião tem o direito de durar, fosse preciso para permanecer socialmente em seu lugar mudar, por assim dizer, de pele a cada primavera. (LANDOWSKI, 2002, p. 93).

Consequentemente, os sujeitos envolvidos nesse contexto de globalização passam a deter a possibilidade de partilhar e de compartilhar um número maior de experiências e pontos de vista, em tempos relativizados, uma vez que o correio é substituído ou divide funções com correios eletrônicos, os quais, em apenas um simples apertar de botões, chegam a seus destinatários em questão de segundos.

---

1 *Slogan*: frase curta e apelativa, muito usada em publicidade ou propaganda política; palavra de ordem; frase que identifica uma marca ou uma organização; divisa. (Fonte: Enciclopédia e Dicionários Porto Editora, disponível em <[www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/slogan](http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/slogan)>. Acesso em 25 de Abril. 2015).

Sobre essa quase instantaneidade do mundo pós-moderno, Wolton (1999) questiona se não seria o caso repensar as condutas de relação interacional com o Outro, haja vista que os espaços são muito mais flexíveis, correndo-se o risco de estabelecer relações sociáveis equivocadas e indesejáveis, dado o nível de “intromissão” na vida dos demais.

Ontem o tempo da deslocação permitia que nos preparássemos para o encontro com o outro; hoje, tendo desaparecido esse intervalo de tempo, o outro está presente quase imediatamente sendo, logo, mais rapidamente “ameaçador”. [...] Esse tempo é um meio de manter as distâncias e de evitar um face a face demasiado rápido. Hoje em dia, quando o acesso ao outro se torna direto e sem condicionantes, seria bom meditar sobre esta lição da diplomacia. (WOLTON, 1999, p. 45).

O produto dessas relações entre sujeitos e mundo dá origem, então, ao que Castells (2010) classifica como identidade híbrida. Essa identidade é o resultado do somatório, subtração e, sobretudo, combinação de valores culturais e sociais. Esse seria o motivo pelo qual nenhum sujeito, por mais que esteja presente em um grupo, pode ser considerado idêntico a qualquer outro do referido coletivo. Essa identidade torna-se a principal característica da era da pós-modernidade, na qual, marcadamente, os sujeitos interagem suas ações com momentos offline e online<sup>2</sup>, por assim dizer, no caso desta pesquisa, práticas online e offline, repletas de significados e autorepresentações, uma vez que as

identidades são fontes mais importantes de significado do que de papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Defino *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. (CASTELLS, 2010, p. 23).

Sobre as questões das relações sociais estabelecidas na internet e como elas constroem e interferem no processo identitário, Castells defende que o sujeito possui uma identidade primeira e que, a esta, somam-se novas identidades à medida que estreita vivências de mundo ou que desenvolve experiências modificadoras. Daí porque, em uma mesma rede social da internet, conforme pude perceber ao longo do trabalho de campo, temáticas pessoais são confundidas com profissionais, uma vez que o sujeito não se reconhece, na prática, enquanto cartesianamente facetado. Mais do que isso, os interlocutores

<sup>2</sup> Considera-se online o instante em que o sujeito está conectado a alguma rede social da internet ou se reporta a esse mundo e como se representa socialmente e interage nele.

foram unânimes em considerar coerentes suas práticas nas redes da internet e na vida offline, em mostras de que a própria racionalidade opera com algumas instâncias subjetivas do julgamento pessoal de cada um ao se autorreconhecer. Entretanto, ao ser indagado sobre como percebia o comportamento das outras pessoas nas redes sociais da internet, Tadeu, um dos interlocutores, afirmou:

para os outros é muito diferente. A minha irmã, por exemplo, no *Facebook* dela devem ter umas três mil pessoas, sendo que ela conhece apenas duzentas. O que ela escreve lá são coisas lindas, mas pessoalmente não é nada daquilo. Eu fico olhando e penso: Sim, quem és tu? No *Facebook* tu és uma pessoa e na vida real tu és outra. A maior parte das pessoas é assim, também tenho muitos amigos assim: No *Facebook* tu bates o maior papo comigo, mas na vida real tu viras a cara. Não entendo isso, acho que porque na vida de internet tu acabas sendo quem tu és mesmo, tem uma veracidade maior nos teus atos do que no mundo real, que tu te expões no olho no olho e acabas te reprimindo.

Apesar da pertinência das observações realizadas por Tadeu, interroga-se se a questão de se reconhecer a “incoerência” apenas no comportamento do Outro não diria respeito aos padrões de julgamento, consequentemente normatizadores e extremamente subjetivos, que percebem no Outro as incoerências que não percebe em si.

Por conseguinte, no contexto da pós-modernidade, segundo Hall (2006), o sujeito é percebido como fragmentado e dinâmico; logo, a identidade é reflexo dos processos e das trocas sociais. Landowski (1992) traz a proposta do que determina como “sociedade refletida”, na qual as fronteiras entre “público” e “privado” estão cada vez mais tênues, quando sequer encontram-se presentes, haja vista que com o advento das tecnologias, da informática e da amplificação do acesso a diversos conteúdos, as práticas sociais entre sujeito, subjetivo e mundo foram transformadas. Nos dias atuais, o mais frequente não é vivenciar a construção de uma ponte entre o que é meu e o que é do coletivo, mas sim considerar que se tratam de esferas combinadas – nem sempre em harmonia –, daquilo que considero apenas meu, daquilo que divulgo para alguns, do que divulgo para todos e daquilo que nem eu mesma reconheço que está em meu interior.

Dessa forma, a individualidade é produto da construção e invenção de uma sociedade, conforme destacado no primeiro capítulo deste estudo por Barth (2000), em meio aos contextos de significante e significados que permeiam as interações com o mundo e com os demais, inclusive pelos fortes agentes catalisadores de mudanças que são a comunicação e a própria internet, dado que os próprios meios de comunicação refletem a cultura de uma sociedade.

## A (des)construção do sujeito

Foucault (1979, 1984) analisa as categorias das relações de poder e da ordem que os discursos assumem quando da construção das relações sociais e da subjetividade. Segundo o filósofo, essa eterna (des)construção do sujeito e de sua identidade são chamadas de “descentração” do sujeito e estão presentes, de acordo com Foucault, tanto nas questões de alteridade e poder quanto da elaboração do discurso, do poder e das suas relações com os sujeitos no social. Apesar da presença de um caráter fluídico, é possível encontrar certa porção de estabilidade, algo que, apesar das modificações, permanece.

Portanto, quando se desejava fazer algum comentário e não ser identificado ou vivenciar certas possibilidades, como se fazer passar por mulher quando, biologicamente, era-se homem, em salas de conversa na internet, lançava-se mão de ferramentas que preservavam as identidades, como o uso de fotos que não fossem as próprias e a troca de nome, o que muitos classificaram como “máscara virtual” utilizada para falar sobre qualquer assunto, desde aqueles que sejam mais tabus para cada contexto ou para outros nos quais apenas não se deseja ser identificado por motivos diversos. Entrementes, para determinados momentos, sobretudo no que tange a assuntos profissionais, os nomes eram assumidos, bem como informações que validassem o perfil no grupo. Sobre a questão do anonimato, Recuero (2012) afirma que:

o espaço digital é um espaço fundamentalmente anônimo, graças à mediação. Como o corpo físico, elemento fundamental da construção da situação de interação, não é um participante do processo no espaço mediado, há uma presunção de anonimato gerada pela própria percepção deste. [...] Assim, é comum que a linguagem e os contextos utilizados para a comunicação neste ambiente sejam apropriados pelos atores como elementos de construção de identidade. [...] Essa construção, necessária para a visibilidade daquele com quem se fala, é fundamental à interlocução. A partir dessa construção, tem-se a presença, ainda que “virtual”, que permite a situação da conversação. (p. 44).

Dessa sorte, o indivíduo pode construir e expressar sua persona nas redes sociais da internet a partir do sentimento de concretude conferido pelos grupos aos quais integra, assuntos que normalmente conversa ou se interessa, das fotos que disponibiliza, dentre outros. Esse sistema de construção de identidade pode tanto contribuir para reforçar características mais dominantes do subjetivo, quanto despertar aspectos mais adormecidos do sujeito. Edgar, extremamente vaidoso, apenas disponibiliza fotos nas quais esteja magro. Rodrigo, que vive uma fase de ascensão profissional, prefere publicar assuntos referentes ao seu trabalho. Vinícius gosta de compartilhar comentários engraçados, pois não

gosta da imagem de “cara sisudo” que diz ser a opinião de muitos acerca de sua pessoa. Nesse sentido, os entrevistados não se sentiam outras pessoas na vida online porque mesmo suas atitudes “diferentes” faziam parte da coerência que tinham de si.

O sentimento de preservação e construção de espaço e da individualidade se mostrou um forte marcador entre os interlocutores dessa pesquisa, entretanto mesmo os que declaravam ter um relacionamento bom com seus familiares e amigos nas redes da internet afirmaram ter passado por algum inconveniente de privacidade, o que ratificava pressupostos de que interações humanas podem ser complicadas em qualquer nível e em qualquer território praticado, mostras de que o conceito trazido por Perlongher (2008) e Certeau (2008) acerca da importância do subjetivo na construção dos territórios é de extrema importância para a compreensão dos cenários desta pesquisa.

## Sobre armários, silêncios e falas

A questão sobre o que é dito e o que não é dito em meio às relações sociais, as quais podem ser compreendidas tanto on-line quanto off-line, é percebida a partir das situações de poder estabelecidas no âmbito social, conforme destaca Foucault (1979), para quem tanto o silêncio quanto a confissão podem ser aprisionadores, tamanho os comprometimentos que podem ter com as práticas de poder.

Avançando nessa questão, a pesquisa de campo aqui realizada retoma os estudos de Sedgwick, em sua obra “A epistemologia do armário” (2007), na qual analisa as formas de regulação da vida social e individual através dessas relações de poder trazidas na análise de Foucault (1979). Sedgwick (2007) salienta que homens e mulheres, hétero ou homo, sofrem processos sociais de poder e de regulação das vidas sociais. Dessa maneira, a ideia do “armário” surge como algo que não apenas existe na vida de casais homo, mas garante aos demais a manutenção das relações de poder usufruídas, como a heteronormatividade.

Funcionando como um regulador social, o armário impõe àquelas pessoas que se relacionam homossexualmente que, para evitar as consequências das esferas públicas e pessoais, que entrem nesse armário de silenciosos murmúrios ou gritos sociais. O medo de ser descoberto e de sofrer opressoras consequências, tanto físicas quanto mentais, faz que esses sujeitos estejam constantemente no convívio do temor de que se descubra o que guardam dentro de seus armários. É daí que, conforme salienta Sedgwick (2007), versões de si são criadas, forjando sentimentos e condutas que influenciam diretamente suas subjetividades oprimidas.

Ainda trabalhando essa proposição de Sedgwick (2007), aproveita-se para retomar a proposição de Judith Butler (2010), a qual afirma que, para melhor se compreender

as relações de gênero, faz-se necessário abandonar algumas normas social e culturalmente convencionadas, uma vez que não representam a diversidade das situações com as quais os sujeitos experienciarão suas vidas. É verdade que essas normas podem afetar as escolhas individuais e coletivas, arrastando (pré)conceitos, bem como a maneira como algumas ações transcorrerão. No caso específico traçado por Sedgwick (Ibid) agrega-se a ressalva que Butler (Ibid) realiza ao desconstruir a lógica da heteronormatividade, a qual se baseia na existência binária de apenas duas possibilidades de sujeitos: homem/mulher.

Nessa lógica, os gêneros inteligíveis aparecem a partir de uma série de comportamentos previamente imaginados – e por isso mesmo esperados –, a partir do reconhecimento intersubjetivo para que um indivíduo reconheça o outro. A grande questão está em ser, no próprio reconhecimento, o lugar no qual os campos inteligíveis podem sofrer modificações, a partir das maneiras pelas quais os indivíduos operam suas identidades derivadas de interações com o outro e com suas subjetividades, materializando gêneros que saltam ao padrão estipulado pela heteronormatividade; daí porque alguns optam por “entrar no armário”. Dessa forma, mediante o contexto e o Outro com quem o sujeito se depara, pode-se escolher sair, ainda que momentaneamente, do armário, visto que este existe no contexto da regulação operada pela heteronormatividade e pode:

antes de tudo, não sei se existe algo universalmente verdadeiro sobre todos os humanos. Penso que algo acontece quando as normas se rompem, ou quando se resiste às normas, ou quando as normas produzem um campo de assim chamados seres humanos fora das normas [...] e é por isso que as condições sociais precisam ser propiciadoras. Não é uma capacidade interna, é uma capacidade que vem a ser vivida e exercida nas relações sociais [...] é algo que só se torna possível no contexto de um conjunto de relações. (BUTLER, 2010, 167-168)

Logo, a situação relacional entre sujeitos e contextos passa a ser, então, fundamental para que o indivíduo possa persistir em seu próprio ser, à medida que esse é resultado dessa interação com o outro e consigo. Daí porque, para alguns interlocutores, a pressão familiar exigia, conforme o previu Sedgwick (2007), condutas hétero, as quais eram abandonadas quando o entrevistado se encontrava na rua, em público, e podia circular em grupos específicos e frequentar os locais sociais de escolha e afinidade. O mesmo ocorria em suas redes sociais da internet, espaço no qual um dos entrevistados realizou suas primeiras descobertas sexuais:

essas questões surgiram na adolescência: Meu Deus, por que tinha que ser eu? É quando a gente percebe que deixa de ser criança e começa a virar adulto e a gente percebe que tem muitas

responsabilidades e mais uma que a gente não tem nem ideia de como lidar. Desde os quinze anos eu já procurava por homens na internet. A gente se identificava por nomes que podia criar. Determinados nomes já tinha uma magia no ar pra dizer se tu estavas procurando por mulher, homem ou pelos dois. Eu já buscava um nome que pudesse atrair, mas que não fosse agressivo para outras pessoas. Um dos nomes que eu usava era chupetinha: por ser novo e porque eu procurava por homens mais velhos, sempre me atraía por homens mais velhos, mais maduros. Mas nessas redes eu participava de forma escondida porque como o computador era acesso de todos e ele ficava num local de fácil acesso, visibilidade, então qualquer pessoa que passasse poderia ver. Gosto de utilizar as expressões do *bajubá*<sup>3</sup> na minha rotina, inclusive na internet, acho uma forma de identidade de um grupo segregado, de dizer: olha, nós existimos, participamos, nós contribuimos para a sociedade continuar evoluindo e estamos aqui, vejam que nós existimos, nós respeitamos vocês, então nos respeitem. Hoje eu me defino como homossexual, no começo tentava esconder. Até hoje meus pais não aceitam facilmente, eles não me perguntam, mas estão aceitando aos poucos. Mas só vou assumir quando eu sair de casa, aí sim vou poder falar o que eu quiser, claro que de forma educada, polida, para não chocar. Mais do que contar, é viver, sentir.

Dessa maneira, conforme Sedgwick (2007) salienta em sua página inicial, “a epistemologia do armário não é um tema datado nem um regime superado de conhecimento” (2007, p.21). Entrar e sair do armário são práticas que não estão vinculadas apenas com o individual e sim com a relação contextual estabelecida nas microssociologias das quais o sujeito faz parte.

Assim, a subjetividade do sujeito, conforme destaca Clifford Geertz (1973), passa por uma organização que demanda representações através de falas, gestos e posturas. É a partir daí que o sujeito pode operar sua sensibilidade de maneira que represente e signifique algo que é compartilhado, em meio a uma série de ideias conectadas e que nascem a partir das construções culturais que tanto moldam o indivíduo quanto são construídas a partir dele em interação social, desenvolvendo a condição de criatura social do sujeito. Essas atitudes, ordenadas pela cultura, são vistas por Geertz como fundamentos da condição humana de organizar o mundo através de símbolos inteligíveis, os quais possa compreender, ordenar e fazer funcionar no mundo. De acordo com o autor:

a perplexidade, o sofrimento e um sentido de paradoxo ético obstinado, quando se tornam suficientemente intensos ou suportados durante muito tempo, são todos eles desafios radicais à proposição de que a vida é compreensível e de que podemos orientar-nos efetivamente dentro dela, através do pensamento<sup>4</sup>. (GEERTZ, 1973, p.100)

---

3 Termo que categoriza as palavras e expressões utilizadas como forma de identificação pelo grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs).

4 Tradução própria.

Estando, assim, as identidades contextualizadas em cenários culturais particulares, algumas ações dos interlocutores estavam orientadas nas normas e nos significados que suas ações poderiam ter e acarretar, tanto online quanto off-line. Todavia, algumas atitudes online estavam orientadas no sentido de explorar facetas de interesse, ainda que pela curiosidade da experiência, como a possibilidade de assumir diferentes categorias das características identitárias, como idade, sexo, gênero, dentre outros.

Ressalva-se que o sentido de comunidade, nesta pesquisa, não está implicado com a ideia de sujeitos homogêneos e reunidos sobre os mesmos objetivos e motivações. A utilização do referido termo relaciona-se com indivíduos que ora se aproximam ora se afastam, mediante laços de afinidade e intenções sociais realizadas, mas que, igualmente, podem ser transformados ou abandonados. Lembra-se, sobre isto, a proposta de Jacques Derrida (1996), ao destacar a palavra “comunidade”, cujo sentido, para o filósofo, implica na consideração da heterogeneidade que lhe é peculiar.

eu não gosto muito da palavra “comunidade”, eu não estou nem totalmente certo se eu gosto da coisa. Se por comunidade tem-se o significado, como normalmente acontece, de harmonia de grupo, consenso e concordância fundamental sobre os fenômenos do desacordo ou da guerra, então eu não acredito muito nisso e acho que é mais um truque de promessa. (DERRIDA, 1996, p.107)<sup>5</sup>

Entretanto, se não se pode considerar a presença de uma homogeneização de características identitárias, apenas de facetas compartilhadas pelos sujeitos de uma determinada comunidade, Sherry Turkle (1997) lembra-nos que, quanto mais uso se faz da tecnologia, mais ela acaba por se inserir como hábito. Essa é a razão pela qual, em grande parte dos casos, os sujeitos não podem mais, com clareza, separar o que é vivido apenas digitalmente e o que é sentido offline, haja vista que as esferas acabam por se tornarem complementares e permeáveis ao sujeito e a identidade construída.

Dessa forma, o indivíduo expressa e demarca parte de seu subjetivo, de sua identidade, a partir do que publica, seja através de imagens ou de informações textuais que podem ter um sentido de ação, como quando, por exemplo, o indivíduo disponibiliza conteúdos que permitem perceber o que está se fazendo pela publicação de algo.

5 Tradução própria.

## Algumas reflexões

A identidade, em uma perspectiva hermenêutica, é construída com materiais simbólicos dentro de uma narrativa própria ao sujeito, que, através de interpretações<sup>6</sup>, construir-se-á e modificar-se-á na medida em que continua a existir e a se transformar com o tempo e com as situações que aparecerão no decorrer da trajetória desse sujeito. Dito isso, a comunicação passa a significar, também, a existência de novas possibilidades de conhecimento, de interação, de relacionamento, de experiência e (des)construções, por isso, o que se propõe como referencial para as futuras análises deste estudo é o de não se limitar ao aspecto superficial que alguns comportamentos e características podem representar para a identidade.

Por conseguinte, antes de tudo, é necessário abandonar certas convenções sociais e modelos comportamentais, uma vez que, se o sujeito tem a liberdade de ficcionar acerca de suas interpretações, essas podem convidar passos a caminhos únicos, singulares, de modo que, não obstante terem sido fruto parcial de um coletivo, o filtro do individual opera de maneira peculiar a construir sujeitos que nem sempre se encaixam nos padrões previstos, e como bem o desejariam que fossem os estipulados pelas instituições.

Qual seria, então, a relação entre a consciência (inclusive a de si) e a comunicação? Segundo Friedrich Nietzsche (2002), talvez a consciência não fosse apenas um reflexo do social, mas uma forma de reagir, responder e se portar diante desse social, a ilustrar um trecho da passagem “Ilusão dos Contemplativos”:

nós que pensamos e sentimos, nós que *fazemos* realmente e sem cessar alguma coisa que não existe ainda – todo este mundo que sempre aumenta em apreciações, de cores, de valorações, de perspectivas, de graus, de afirmações e de negações. Esse poema inventado por nós e sempre aprendido, exercitado, repetido, traduzido em carne e em realidade, sim, mesmo em vida quotidiana, pelos que são chamados homens práticos (nossos atores, como eu já o indiquei). Nada que possua *valor* neste mundo o possui por si mesmo, segundo sua natureza – a natureza é sempre sem valor: atribui-se-lhes certa feita um valor e fomos *nós* que os demos, nós, os atribuidores! Nós criamos o mundo que interessa ao homem! Mas esta é precisamente a ciência que nos falta, se a encontramos por um instante, escapa-nos um instante após. (NIETZSCHE, 2002, p.196-197, grifos do original)

---

6 Considera-se o caráter próprio e único que o ato de interpretar implica, uma vez que acaba por se constituir como uma ficção, à medida que quem interpreta trará para significação todo o aporte de mundo e percepções de seus contextos coletivos e pessoais, bem como suas aspirações, pré-conceitos e valores.

Ainda que trate-se de redes sociais da internet, é de significativa influência as questões trazidas do contexto social e cultural dos sujeitos, o que irá operar, inclusive, no conteúdo que estes buscam, bem como na forma como se relacionam com as redes das quais fazem parte. Mais importante do que marcadores demográficos e de faixas etárias, deve-se atentar para as questões comportamentais e para os motivos das buscas que levam esses sujeitos a estabelecer laços de socialização diversos, uma vez que o próprio conteúdo pode ser uma ferramenta de relação social.

Por isso a análise da construção identitária percebida via práticas e formas de interação dos sujeitos com seus mundos online e offline esta vinculada à análises comportamentais de sociabilidade. A criação do Eu apresenta-se com infindáveis e diversas possibilidades de criações, como espelhos que podem refletir e serem observados de distintas maneiras.

## Referências

- BARTH, F. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BUTLER, J. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 161-170, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2015.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DERRIDA, J. *Deconstruction in a nutshell: a conversation with Jacques Derrida*. Fordham University Press. Disponível em: <<http://tinyurl.com/7pmt5km>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução e organização: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. Deux essais sur le sujet et le pouvoir. In: FREYFUS, H.; RABINOW, P.; FOUCAULT, M. *Un parcours philosophique*. Paris: Gallimard, 1984. p. 297-321.
- GEERTZ, C. *The interpretation of cultures*. Nova York: Basic Books, 1973.
- \_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HEILBORN, M. L. et al. (Org.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006.
- LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

- \_\_\_\_\_. *Presenças do outro*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Hemus, 2002.
- PERLONGHER, N. *O negócio do michê*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- RECUERO, R. *A conversa em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- SEDGWICK, E. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.
- TURKLE, S. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- WOLTON, D. *Pensar a comunicação*. Tradução de Vanda Anastácio. Miraflores: Difusão, 1999.